prosa

Artur Kon

6.1. Capítulo um[1]

6.1.1. “É humano a gente ter compaixão dos aflitos” — assim Boccaccio abre o *Decamerão*.

6.1.2. Nós o vemos dentro de uma moldura, através de uma superfície transparente.

6.1.2.1. Mas o observamos há tanto tempo, por tanto tempo, que sentimos conhecê-lo de modo íntimo.

6.1.2.2. Nem ele nem nós temos para onde ir, nem nós nem ele temos mais o que fazer.

6.1.2.3. Então seguimos assim.

1 Este texto é parte — quase final e, como se pode deduzir da numeração, não o primeiro capítulo — de um livro em processo chamado *Conto como coro*.

Artur Kon nasceu em São Paulo, em 1988. É ator, dramaturgo e pesquisador. Mestre e doutor em Filosofia pela FFLCH-USP, com dissertação publicada como *Da teatrocracia: estética e política do teatro paulistano contemporâneo* (Ed. Annablume, 2017), e parte da tese, incluindo traduções inéditas de peças da escritora austríaca Elfriede Jelinek, está no prelo (Ed. Perspectiva). Em 2006, fundou, com os colegas do curso de Artes Cênicas da Unicamp, a Cia de Teatro Acidental — que segue criando até hoje, os integrantes já tendo passado metade de suas vidas juntos.

ISSN 2526-4966

6.1.3. Ele vai do quarto para a sala. Um pouco depois, volta da sala para o quarto.

6.1.3.1. Menos vezes, sempre nas mesmas horas, visita a cozinha.

6.1.3.1.1. As divisões entre os cômodos são sutis, indicadas pelos próprios móveis de cada área e uma estante vazada no meio.

6.1.3.1.2. Não há parede.

6.1.3.2. Só no banheiro não podemos acompanhá-lo.

6.1.4. Ele se deita na cama, ele se senta no sofá.

6.1.4.1. Lê um livro, desiste, escolhe outro.

6.1.4.1.1. Vemos suas estantes repletas, isso pode durar bastante tempo. Anos.

6.1.4.1.1.1. Décadas?

6.1.4.2. Há dias em que desiste completamente de ler.

6.1.4.2.1. Ele usa o computador, o celular, liga a televisão. Tudo ao mesmo tempo.

6.1.4.2.2. Sem dar muita atenção a nada.

6.1.4.2.3. Ele dorme no meio de todos os aparelhos, que continuam funcionando sem o olhar dele.

6.1.5. "Deixemos de lado a circunstância de:

6.1.5.1. "um cidadão ter repugnância de outro;

6.1.5.2. "de quase nenhum vizinho prestar cuidados a outro;

6.1.5.3. "de os parentes, juntos, raras vezes, ou nunca, se visitarem,

6.1.5.3.1. "e, quando se visitavam, ainda assim só o fazerem de longe;

6.1.5.3.2. "(...) um irmão abandonava outro;

6.1.5.3.3. "o tio abandonava o sobrinho;

6.1.5.3.4. "a irmã, a irmã;

6.1.5.3.5. "e, com frequência, a esposa desertava do marido;

6.1.5.3.6. “os pais e mães sentiam repugnância de visitar e servir os filhos,

6.1.5.3.6.1. “como se estes não fossem seus.

6.1.5.4 “(...) Àqueles para os quais a multidão era inestimável, nenhum outro recurso restava além da caridade dos amigos,

6.1.5.4.1. “e destes havia poucos.”

6.1.6. No começo ele tenta fazer exercícios.

6.1.6.1. Fazemos questão de nunca rir na frente dele.

6.1.6.1.1. Mesmo que ele nem nos note aqui.

6.1.6.2. Ele sua, cansa.

6.1.6.3. Um dia, se machuca.

6.1.6.3.1. Passa um tempo com dor e dificuldades para se levantar, sentar, andar.

6.1.6.4. Desiste dos exercícios, mesmo depois de recuperado.

6.1.7. Em algum momento ele deixa de sair da cama.

6.1.7.1. Ou melhor, sai apenas para comer algo.

6.1.7.1.1. (Mas sem se dar ao trabalho de cozinhar, só pega qualquer coisa que tenha na geladeira ou no armário.)

6.1.7.2. e para ir ao banheiro.

6.1.7.3. Não toma banho.

6.1.7.4. Não lê, não usa o computador.

6.1.7.5. Fica deitado com o celular, entre travesseiros e cobertas.

6.1.7.6. Terá cedido à depressão, como tantos neste período?

6.1.7.6.1. Olhamos atentamente para ver se ele chora.

6.1.7.6.1.1. Não chora.

6.1.7.7. Vira para um lado e para o outro, fica de barriga para cima, fica de bruços.

6.1.7.8. Dorme, acorda.

6.1.7.9. Dorme, acorda.

6.1.7.10. Dorme, acorda.

6.1.7.11. Curiosamente, essa fase não é a mais tediosa para nós, que assistimos.

6.1.8. Não podia argumentar que não tinha lugar algum para ir, com tantos amigos e parentes querendo muito recebê-lo e cuidar dele, pressionando-o fervorosamente para que fosse embora, como muitos faziam.

6.1.8.1. De uma maneira ou outra, sempre que estabelecia uma data para ir embora, era atrapalhado por um incidente ou outro, terminando em frustração e novo adiamento.

6.1.9. Mais um dia passado na cama.

6.1.9.1. Hoje, porém, parece mais inquieto, como se estivesse a ponto de se levantar e sair de casa a qualquer momento.

6.1.9.2. Mas permanece deitado, trancado.

6.1.9.3. Depois de algumas horas, enfia a mão dentro da calça, depois tira o pau para fora da calça e levanta a camiseta, mas não faz o esforço de tirar a roupa.

6.1.9.4. Não deveríamos olhar, pensamos.

6.1.9.4.1. O certo seria deixar que ele tenha esse momento de privacidade, não abusar da nossa vista privilegiada e do fato de ele ignorar nossa presença aqui.

6.1.9.4.2. Mas escolhemos continuar.

6.1.9.4.2.1. Como se não tivéssemos escolha, como se fosse mais forte do que nós.

6.1.9.4.2.2. Assistir é tudo o que temos, é tudo o que somos.

6.1.9.5. Ele se masturba com a mão direita, enquanto a esquerda passeia pelo corpo, acaricia os pelos do abdome e do peito.

6.1.9.6. Os olhos estão fechados, como se isso o ajudasse a acreditar que

é a mão de outra pessoa que está ali estimulando sua pele, que se arrepia com a ideia.

6.1.9.7. Ele fantasia com outras mãos que o toquem, que lhe façam companhia, duas mãos ligadas a um corpo, ou mais mãos, mais corpos, imagina ele, mais e mais pessoas peladas,

6.1.9.7.1. como uma orgia em que o ato sexual permitisse uma reprodução instantânea, sem tempo de gestação, fazendo surgirem novos corpos já adultos e prontos para participar da ação, uma multidão, tanto faz o sexo, o gênero, a cor da pele, a idade, tanto faz, pensa,

6.1.9.7.2. contanto que lhe encham o apartamento, que não deixem nenhum espaço vazio nem fora e nem dentro dele.

6.1.10. Como podemos saber o que ele pensa?

6.1.11. Gozo.

6.1.12. Depois desse dia, a vida parece voltar ao normal.

6.1.12.1. Ou melhor, ao que vinha sendo desde que se fechou em casa.

6.1.13. Ele vai para a sala. Lê um livro. Pega o computador.

6.1.13.1. Ocupa os espaços do apartamento.

6.1.14. Quem é ele,

6.1.14.1. se não trabalha (se não o vemos trabalhar),

6.1.14.2. se não se encontra com amigos ou parentes,

6.1.14.3. se não tem uma companheira ou um companheiro morando com ele

6.1.14.4. ?

6.1.14.5. Quem é ele, se não podemos saber mais nada, aqui do outro lado do vidro?

6.1.14.6. Para nós, ele é ninguém.

6.1.14.6.1. Por isso nos interessa assistir.

6.1.15. E quem somos nós?

6.1.15.1. Nós, que passamos nossos dias assistindo à vida desse homem através de um vidro, de um abismo intransponível,

6.1.15.1.1. como que flutuando à altura do apartamento em que ele vive isolado?

6.1.15.2. Seus vizinhos entediados, presos no prédio da frente como ele no dele?

6.1.15.3. Peixes no aquário que decora seu apartamento?

6.1.15.4. Fantasmas dos que foram atingidos pela peste?

6.1.16. Nós mesmos já não nos lembramos de nós.

6.1.17. Aparece um elemento novo.

6.1.17.1. Já estávamos quase desistindo dele,

6.1.17.1.1. exceto pelo fato de também não termos outras opções mais interessantes para assistir.

6.1.17.1.2. Mas cada vez mais nos distraíamos enquanto olhávamos.

6.1.17.2. Agora essa cachorra.

6.1.17.3. Alguns dias de adaptação:

6.1.17.3.1. ela num canto, assustada;

6.1.17.3.2. ele ansioso, mas respeitando o espaço do animal.

6.1.17.3.3. Se assistem desconfiados, comparam suas solidões, negociam.

6.1.18. A cachorra já parece habituada, como se tivesse morado ali a vida toda.

6.1.18.1. (Quantos anos terá?

6.1.18.1.1. Não é um filhote, nem parece muito velha.)

6.1.18.2. Seguindo-o de um lado para o outro, deitando-se ao lado dele nos dias frios, um pouco mais longe quando faz calor, mas sem nunca o perder de vista.

6.1.18.2.1. Como nós também não o perdemos.

6.1.18.3. Ela o distrai, eles nos distraem.

6.1.19. Às vezes, de noite, ele liga o computador e fica um tempo olhando para a tela.

6.1.19.1. Enquanto nós olhamos para seu rosto iluminado apenas pela luz esbranquiçada vinda do aparelho.

6.1.19.2. Dessa vez não está com o navegador aberto, mas com o processador de texto.

6.1.19.2.1. Uma página em branco.

6.1.19.2.2. Em branco.

6.1.19.2.3. Branco.

6.1.19.3. Nunca escreve nada.

6.1.19.4. Ele não é escritor.

6.1.20. Agora adquiriu o hábito de conversar com a cachorra.

6.1.20.1. Quando começa, ela levanta os olhos para ele, mas logo desiste e volta ao seu repouso.

6.1.20.2. Ele fala longamente.

6.1.20.2.1. Às vezes se empolga, se emociona, ri, se irrita, gesticula com os braços e as mãos, se levanta, anda pelo apartamento, ainda falando com a cachorra, sempre falando.

6.1.20.3. Mas o vidro nos impede de ouvir.

6.1.20.3.1. Colocamos o vidro ali para que ele nos impeça de ouvir.

6.1.21. Os sons da cidade avisam: lá fora, aos poucos, tudo volta ao normal.

6.1.21.1. A peste passou, por decreto, se não de fato.

6.1.22. "Ela privara essas plagas de inumerável quantidade de pessoas vivas; sem trégua, passara de um lugar a outro.

6.1.22.1. "(...) Cuidado algum valera, nem importara qualquer providência humana.

6.1.22.2. "(...) Muitos conselhos se distribuíram, para a conservação do bom estado sanitário.

6.1.22.3. "(...) A praga foi de grande violência, porque se lançava contra os sãos, partindo dos enfermos, desde que enfermos e sãos ficassem juntos.

6.1.22.4. "(...) Não somente o falar e o tratar com os enfermos davam, aos sãos, a enfermidade, por causa da morte comum, mas também o ato de se bulir na roupa, ou em qualquer outra coisa que houvesse sido tocada, ou usada por aqueles doentes, parecia transferir, a quem bulisse, a enfermidade mencionada."

6.1.23. Donde o isolamento em que vimos até agora nosso sujeito.

6.1.23.1. Eis que cresce a expectativa dos espectadores: para onde irá agora?

6.1.24. Mas ele seguirá sozinho, trancado nesse apartamento.

6.1.24.1. E nós, através do vidro, acompanharemos.

6.1.25.

6.1.26.

6.1.26.1.

6.1.27.

6.1.27.1.

6.1.27.1.1.

6.1.28. Um dia, começa a digitar.

6.1.29. “Triste e aborrecida é a dolorosa recordação da pestífera mortandade há pouco verificada.”

6.1.29.1. “A cada um, e a todos que a viram, ou dela tiveram conhecimento, ela foi prejudicial.”

6.1.30. É essa recordação que ele parece trazer em cada página que escreve.

6.1.30.1. Mas isso não nos espanta e não nos leva a desistir de ler, por sobre seu ombro, até mais adiante.

6.1.31. Ele não quer estar isolado como está, mas já não sabe fazer outra coisa.

6.1.31.1. Anseia por outros corpos e outras mentes e outras vozes,

6.1.31.1.1. (para além da cachorra, que, no entanto, alivia a solidão)

6.1.31.1.2. mas já não sabe fazer outra coisa.

6.1.31.2. Ele sabe que viver junto dos demais não é somente a causa dos males pelos quais passou, pelos quais todos passamos, mas também a única solução possível.

6.1.31.3. Não há saída, cada um por si. Há que se unir, organizar, coordenar as ações. É urgente a colaboração de todos.

6.1.31.4. Mas ele segue aqui sozinho, e por isso escreve.

6.1.31.4.1. Ele não é escritor. Ele não sabe escrever.

5.1.31.4.2. Mas já não sabe fazer outra coisa.

6.1.31.4.3. É a contribuição que tem a oferecer ao mundo, ao coletivo.

6.1.32. Porque esse coletivo, por ora, é apenas imaginário.

6.1.32.1. E é tarefa dele imaginá-lo

6.1.32.1.1. , nos imaginar. ■